



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 11

Trama e subtrama

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tinha um escritor e crítico argentino, o Ricardo Piglia, que dizia que todo conto moderno tem duas tramas.

Tem a história que tá ali na superfície, e, debaixo da linha d'água, tem uma outra história escondida, só esperando pra te pegar na curva.

As histórias de hoje não são contos modernos, mas elas são meio assim: são duas histórias em que cada história se desdobra em mais duas.

Em que aquilo que parecia tá acontecendo, a narrativa que a gente tava seguindo, de repente vira e se mostra em outra luz.

Quando a gente consegue vislumbrar essa segunda história – essa subtrama –, tudo se transforma.

Aquilo que tava só no canto do olho vem pro primeiro plano. E aquilo que parecia detalhe se revela central.

A nossa primeira história começa na natureza, com um naturalista.

O Augusto Ruschi foi um naturalista capixaba, especialista em beija-flores e orquídeas.

Se você é o tipo de pessoa que coleciona moedas e notas antigas, ou se você tem uma certa idade e é o tipo de pessoa que repara muito nas imagens no dinheiro, talvez você se lembre da cara dele.

Ele tá ali na nota de 500.

Não 500 reais, 500 cruzados novos.

Na verdade, ele saiu tanto na nota de 500 cruzados novos como na nota de 500 cruzeiros, ali no final dos anos 80, comecinho dos anos 90.

E por mais que essas duas moedas tenham durado tão pouco, tem que valorizar, né? Porque são bem poucos os cientistas que vão parar no nosso dinheiro.

Além dele, teve nota com a cara do Santos Dumont, nota com a cara do Oswaldo Cruz, nota com a cara do Carlos Chagas, e nota de com a cara do Vital Brasil.

É um clubinho bem exclusivo.

O Santos Dumont, cê sabe quem é.

O Oswaldo Cruz, bom, tem a Fiocruz ali.

O Carlos Chagas – doença de Chagas.

E o Vital Brasil fundou o Instituto Butantan.

Mas e o Augusto Ruschi? Cê já ouviu falar dele?

Se você não estuda nem orquídeas, nem beija-flores, eu aposto que não...

O Ruschi teve uma carreira de destaque durante boa parte do século XX.

Além do trabalho científico dele, ele foi um ativista ambiental. Ele chegou a ameaçar o governador do Espírito Santo de morte porque o governador queria acabar com uma reserva florestal.

Mas é bastante razoável supor que não foi por isso que ele foi estampar o dinheiro.

Provavelmente tem mais a ver com essa história aqui que a Flora Thomson-DeVeaux vai contar.

Flora Thomson-Deveaux: Vamos lá. Serra do Navio, Amapá, meados dos anos 70. Mata cerrada. Augusto Ruschi tá procurando, pra variar, um beija-flor bem difícil de achar. É o maior beija-flor do Brasil – chama beija-flor “brilho de fogo” – e, cara, esse pássaro é não é pouco bonito. Ele tem o corpinho bem vermelho, um pescoço de um verde amarelado tão brilhante que parece uma gola de paetês... e uma cauda bem comprida, dividida em duas, tipo um fraque. Um bicho muito elegante.

Mas, enfim, o importante pro Ruschi é que esse beija-flor era muito difícil de achar. O lance dele era de ir a campo, descrever essas espécies raras, mapear a biodiversidade... capturar um ou outro pra criar em cativeiro se fosse possível... e esse beija-flor brilho de fogo ia ser uma bela conquista pra ele.

Não sei porque, mas sempre que eu imagino essa cena, é numa meia-luz de floresta bem fechada. O Ruschi tá calculando cada movimento pra não fazer barulho, segurando a respiração... E aí ele vê. O passarinho com a gola de paetês.

Ele fica todo feliz, faz um monte de anotações, esboça algum desenho, sei lá... Inebriado com a visão do bicho bonito, raro.

Daí ele olha pro lado e vê um monte de sapinhos coloridos... De um tipo que ele nunca tinha visto antes. Cara, grande dia. Ele não só viu o beija-flor que ele tava procurando, como agora ele vai conseguir capturar um novo tipo de sapo. Maravilha.

O Ruschi tá acompanhado de alguns guias indígenas que tavam ajudando ele a não se perder na floresta. E ele pede ajuda pra eles, porque os sapos não são fáceis de pegar. Mas os caras batem o olho nos sapinhos e falam que nem pensar.

O Ruschi não liga. Ele mesmo pega, então, com as próprias mãos. Difícil pra caramba sem ajuda, ele todo suado depois de horas de caminhada, aquela umidade amazônica, os sapinhos gosmentinhos, lisos que nem chuchu, pulando ainda... mas ele é um cara determinado.

O tipo de pessoa que, aos 60 anos, vai até a Serra do Navio no Amapá pra ver um tipo muito específico de beija-flor.

No final, ele consegue pegar uns 30 sapos pra catalogar, tentar reproduzir em cativeiro... um souvenir de luxo desse dia especial.

Vai dormir realizado da vida.

Bom. Aí, dia seguinte... ele vai parar no hospital em Macapá com uma crise de taquicardia. O coração batendo tão forte que achavam que ele tava infartando.

Cê já sacou, né? Aqueles sapos eram venenosos. E agora?

Corta pra uns dez anos depois.

Dia 12 de janeiro de 1986. Matéria no Jornal do Brasil: "Sapo envenena cientista dos beija-flores".

Não, não é que aconteceu de novo.

É que foi só uma década depois que o Ruschi veio a público sobre o que tinha acontecido no Amapá.

Ele deu uma entrevista prum fotojornalista amigo dele, o Rogério Medeiros, porque naquela altura ele já sentiu que tava morrendo.

A matéria do Rogério Medeiros dizia assim – vou ler aqui:

Flora Thomson-Deveaux: A peçonha do sapo dendrobata, que os índios da América do Sul usam nas flechas de caça, inflige grande padecimento ao infiltrar-se na corrente sanguínea através da mucosa da vítima. Em Ruschi – que passou 50 anos na floresta esquivando-se aos ataques das serpentes e das onças – o veneno do sapo negro de listra amarela no contorno do dorso já comprometeu 95% do fígado. Ele tem febre quase todo o tempo, sofre frequentes hemorragias nasais, e as dores intensas não o deixam dormir mais de duas horas.

Flora Thomson-Deveaux: O Ruschi já tava conformado que ia morrer. Ele disse pro Rogério que só queria mais um ano de vida pra conseguir trabalhar só mais um pouco, terminar uns projetos.

E ele só tava falando da doença porque ele tava com medo de não dar tempo, e não tinha ideia do que fazer.

Na matéria saíram duas fotos: uma do Ruschi na floresta, e outra dele em casa, com as mãos juntas, como se tivesse rezando, embaixo de uma imagem de São Francisco de Assis – o santo protetor dos animais.

Bom, essa matéria do Rogério Medeiros causou uma pequena comoção. Choveu carta na redação do Jornal do Brasil prestando solidariedade, gente querendo saber se podia fazer alguma coisa pra ajudar...

Três dias depois, o escritor Affonso Romano de Sant'Anna publicou uma crônica, no mesmo Jornal do Brasil, que dava um tom ainda mais dramático pra história. Vou ler aqui um trechinho:

Flora Thomson-Deveaux: Vai morrer. Está morrendo a cada dia, a cada hora, a cada palavra aqui escrita ou lida o cientista Augusto Ruschi.

Flora Thomson-Deveaux: E aí ele diz:

Flora Thomson-Deveaux: Não podemos ler assim impotentes a crônica de uma morte anunciada, como se fosse uma novela de García Márquez. Alguém tem que ter um remédio. O Presidente Sarney, por exemplo, tem que mandar vasculhar os Estados Unidos, mobilizar a embaixada da Rússia, mas o antídoto tem que aparecer, porque o Brasil não está em condições de perder um homem da estatura de Ruschi, só porque uns sapos safados o tomaram como inimigo.

Se nos laboratórios mais refinados não houver a droga, certamente nossos índios a têm. Se esses mesmos índios sabiam que o sapo era letal, sabem também o nome de uma raiz qualquer que mastigada dilui o veneno. Mobilizem-se a FUNAI, o IBDF, a Fundação Oswaldo Cruz, todas as tribos do Xingu. Não pode o Grande Pai, o Pajé dos beija-flores, morrer assim tão descurado.

Flora Thomson-Deveaux: Eu imagino essa edição do JB misturada numa pilha de jornais, sendo levada até a mesa de café do presidente Sarney num dia de manhã.. Ele vai lendo, lendo, para nessa matéria... pensa um pouco, passa a mão no telefone, e diz: "Liga pro Raoni".

Em 1986, o cacique Raoni Metuktire, do povo caiapó, já tinha seus cinquenta anos e era uma figura conhecida mundo afora.

Ele ainda não tinha conhecido o Sting – isso só aconteceu no ano seguinte, em 87 – mas já tinha documentário sobre ele, ele era muito respeitado, ele tinha até negociado demarcação de terra direto com o Ministro do Interior uns anos antes.

Fernando Niemeyer: Naquela época ele entrava na sala do Presidente da República com uma facilidade que hoje em dia não existe mais, que ele tinha um trânsito livre por ali.

Flora Thomson-Deveaux: Pra entender melhor essa história, eu fui conversar com o Fernando Niemeyer. Eu sentei com o Fernando no comecinho de 2022 e, nessa época, a gente nem sonhava ver o Raoni subindo a rampa junto com o presidente eleito.

Fernando Niemeyer: Sou antropólogo e indigenista, e estou junto com os netos, alguns netos do Raoni, escrevendo a autobiografia desse grande cacique.

Flora Thomson-Deveaux: O Fernando me explicou que esse era um momento histórico bem importante pros povos indígenas no Brasil.

Fernando Niemeyer: A gente estava se aproximando de uma nova Constituição, o movimento ambientalista se fortalecendo, então acho que tinha uma efervescência sobre, uma reflexão sobre os povos indígenas, quem são eles e como que isso se reflete numa identidade nacional.

Flora Thomson-Deveaux: Isso do lado da sociedade não-indígena. Dentro dos povos, tava acontecendo um movimento de revalorização da medicina e da cultura tradicionais.

Então a gente tem todo esse contexto: saída da ditadura, conscientização ambiental, mais protagonismo dos povos indígenas... e essa linha direta do governo com o Raoni.

A crônica do Affonso Romano de Sant'Anna já dava a letra, e o Sarney não pensou duas vezes: mobilizou o governo pra atender esse chamado da sociedade, de convocar a medicina indígena pra curar esse grande cientista.

O Raoni atendeu o chamado, chegou no Ministério do Interior, explicaram a situação pra ele... e ele não estranhou. Pelo que saiu no jornal naquela época, ele virou pro ministro e falou: "Por que não avisaram logo?"

Ele conhecia o veneno que tava matando o Augusto Ruschi, e sabia qual era o remédio contra esse veneno: uma raiz chamada atorokon. Mas, como fazia tempo que o Ruschi tava doente, o tratamento não ia ser simples...

Ficou combinado de o ritual acontecer no Rio de Janeiro – que era onde o Ruschi tava. Junto com o Raoni foi o pajé Sapaim Kamayurá, xamã do povo Kamayurá.

Eles começaram os trabalhos no dia 23 de janeiro – menos de duas semanas depois daquela primeira matéria que saiu no Jornal do Brasil.

E se esse caso já nasceu com um estardalhaço midiático, imagina: todo o desenrolar da história ia parar na capa do jornal.

Mal o Raoni e o Sapaim começaram os trabalhos e, no dia seguinte, a capa do JB já era uma foto gigante do Raoni, de costas, pintado de jenipapo, se debruçando sobre o Ruschi numa cama.

E essa foto existe porque o Rogério Medeiros, o fotojornalista que escreveu aquela primeira matéria, o amigo do Ruschi, foi convidado a acompanhar o ritual todo.

Numa crônica que publicou na época, o Rogério contou que ficou meio surpreso com o convite... e ele quis saber por que tava sendo convidado pra acompanhar.

Quer dizer: era um tratamento médico, esses processos costumam ser muito íntimos, reservados... Era tipo ser convidado pra fotografar uma cirurgia, mesmo.

Mas o Raoni disse pra ele que era "pra mostrar pros brancos que 'índio não brinca com essas coisas'".

O Raoni queria "mostrar pros brancos" nos termos dos brancos – tipo, com fotografia e tudo – o que que eles tavam fazendo, e que era coisa séria.

O Rogério já não tava bem de saúde quando eu procurei ele. Mas ele tirou toda uma série de fotografias que dá pra ver no site da Rádio Novelo. Tem um link aqui, na descrição do episódio.

Foram poucas pessoas que acompanharam o ritual. Tinha o Ruschi, claro, o Raoni, o Sapaim, o fotógrafo, a mulher do Ruschi... e tinha o Márcio.

Márcio Spinosa: Sou filho de Marilande, que foi, né, a segunda esposa de Augusto Ruschi, e... enfim, enteado de Augusto Ruschi.

Flora Thomson-Deveaux: Em janeiro de 1986, o Márcio tinha 20 e poucos anos e tinha acabado de passá uma temporada num seminário da igreja messiânica, que é uma religião japonesa. Quer dizer: tinha passado um tempo totalmente desligado do mundo... Aí ele chega no Rio e tá um fundunço na família dele.

Márcio Spinosa: Um monte de repórter, um monte de gente, e aquela notícia, eu fiquei "que é que ta acontecendo?" Mas eu achei muito legal, achei uma coisa assim, maravilhosa, porque eu sempre fui uma pessoa muito ligada nisso, né, nessa questão, né, da espiritualidade. Então eu achei muito bacana e muito curioso. Então, eu fiquei perguntando sobre tudo.

Flora Thomson-Deveaux: O Ruschi era capixaba e morava no Espírito Santo, numa cidadezinha chamada Santa Teresa. Mas os sogros dele tinham uma casa no Rio, no alto do bairro da Gávea, encostando na floresta. Era a casa dos avós do Márcio, no caso.

Márcio Spinosa: E, onde aconteceu esse ritual? Foi numa suíte que ficava à parte da casa, né, e a janela dela abria pra mata, parecia uma cabana na mata, né, um local bem propício mesmo. Porque eu acredito que o local tenha que ter mesmo toda essa energia, né, para que algo assim aconteça. Imagina fazer isso dentro de um apartamento? Não tem muita lógica. Daí, enquanto o pajé fazia a cerimônia, né, o cacique Raoni ia cantando as músicas ritualísticas com chocalho, foi uma coisa bem bacana, bem bonito mesmo de se ver.

Flora Thomson-Deveaux: Os rituais aconteceram durante três dias, com cobertura diária no Jornal do Brasil.

Márcio Spinosa: Era, eh, eles apagavam as luzes, né, ficavam na penumbra, aí o pajé, e se concentravam, aí fumavam, né, aquele negócio, eles falaram que era pra entrar em contato com o mundo espiritual, com os espíritos da mata, os guias, enfim. E, a partir dali, eles entraram quase que num transe, né, e começavam, iniciavam o ritual.

Flora Thomson-Deveaux: Saiu no jornal que o Sapaim ia esfregando o corpo do Ruschi, perto do pescoço, até sair uma coisa da pele dele.

Márcio Spinosa: Ele ia fazendo movimentos assim, aí pegava, aí quando ele abria a mão tinha uma massa verde, sabe, aí falava "esse aqui é o veneno do sapo". É impressionante, porque a gente sabe, né, que esse veneno, né, ele fica ali por um tempo, né, a toxina ela não é totalmente eliminada, algum material fica inerte ali e ele veio e ele falou "isso é a toxina, isso aí é o veneno do sapo".

Flora Thomson-Deveaux: O Sapaim fazia questão de mostrar a massinha pra todo mundo ali. O Rogério Medeiros escreveu que o Sapaim botou a massinha bem embaixo do nariz dele, e tinha cheiro de mato. Depois ele juntava as palmas das mãos, soprava uma fumaça no oco da mão, e a massinha sumia.

Márcio Spinosa: Era uma coisa tipo um chiclete amassado assim, sabe, impressionante. Nos primeiros dias foi assim uma bolinha, vamos dizer assim, de... sei lá, 5 cm de diâmetro mais ou menos, amassada. Depois foi diminuindo até não sair mais nada.

Flora Thomson-Deveaux: Ao longo das sessões, a massinha também ia mudando de cor. Começou verde-oliva e foi ficando branca. E enquanto a massinha ia ficando menor e perdendo a cor, o Ruschi ia melhorando. Depois do primeiro dia, ele já tava sem dor, com a voz mais forte, com o passo mais firme. E ele falou pro Rogério: "Tô sentindo um gosto de vida."

No segundo dia, o nariz do Ruschi parou de sangrar. No terceiro dia, ele tava comendo bem, dormindo bem, e ainda sem dor. Então o Raoni e o Sapaim deram o tratamento por encerrado. O Ruschi disse que sabia que o estado de

saúde dele em geral continuava ruim – e não tinha nada que pudesse fazer o fígado dele se regenerar, então esse mal já tava feito... – mas o importante pra ele era ter se livrado dos sintomas. Agora ele ia conseguir trabalhar, que era o que ele queria.

Isso foi no final de janeiro de 1986. O Raoni voltou pra Brasília, o Sapaim ficou ali pelo Rio, e o Ruschi voltou pro Espírito Santo.

E, pouco mais de cinco meses depois... o Ruschi morreu.

Como tinha tido toda essa discussão em torno da doença dele, da medicina indígena, a família do Ruschi mandou o corpo dele pra análise. E não detectaram nada de veneno de sapo. Mas os exames indicaram que, na verdade, talvez o veneno não tivesse nada a ver com os sintomas dele.

Márcio Spinosa: Ele teve muitos outros problemas que afetaram a saúde, que veio assim, digamos, debilitando ele ao longo dos anos, né? Ele andou muito em florestas tropicais, então ele já teve não sei quantas febre amarela, teve hepatite, tanto é que ele faleceu de cirrose hepática.

Flora Thomson-Deveaux: Quer dizer: pelo que o Márcio lembra do exame de necrópsia do Ruschi, a causa da morte dele não tinha mesmo nada a ver com o veneno do sapo. Ele tinha morrido mesmo era do fígado.

Márcio Spinosa: Mas não foi a causa mortis, não foi o veneno do sapo em si...

Flora Thomson-Deveaux: Porque, o veneno do sapo, se fosse tão mortal assim, teria matado ele na hora.

Márcio Spinosa: Porque os índios usam né, na flecha, né, esse veneno desse sapo, né. Mas assim, passou daquele período, a pessoa já sai dessa condição de perigo de morte.

Flora Thomson-Deveaux: Mas essa era uma interpretação da medicina não-indígena, que, aliás, não conseguiu diagnosticar nem aliviar a doença que atormentou o Ruschi nos últimos dez anos de vida dele. Só que pra medicina indígena com certeza não era assim, né? Não era só uma questão do fígado. Tanto que eles achavam que fazia sentido fazer um ritual de cura.

Eu pedi ajuda pro Fernando Niemeyer – o antropólogo que tá escrevendo a autobiografia do Raoni junto com ele – pra me ajudar a entender isso melhor.

E ele me explicou assim: pros brancos que tavam assistindo o ritual, a massinha que o cacique Raoni e o pajé Sapaim tavam tirando da pele do Ruschi era o veneno em si... Mas, segundo o Fernando, não é por aí. A doença dele não era envenenamento, exatamente. Era o resultado de um feitiço, do ataque de um espírito.

Na época em que eu conversei com o Fernando, ele me contou que o Raoni andava meio mal de saúde.

Fernando Niemeyer: O Raoni mesmo ele está se sentindo um pouco doente agora, e ele atribui isso a um feitiço que está no corpo dele.

Flora Thomson-Deveaux: Quer dizer, de acordo com a medicina indígena, o que te deixa doente é a força sobrenatural do sapo. Não aquilo que sai da mucosa do bicho. Então tanto faz se a toxina tava ou não no corpo do Ruschi depois que ele morreu. A batalha que o Raoni e o Sapaim tavam travando ali não era contra a toxina. Era contra o feitiço.

Só que tem mais um detalhe nessa história...

Essa cirrose, que tomou 95% do fígado do Ruschi, pode ter sido causada em parte por remédios anti-maláricos, que costumam mesmo atacar o fígado.

Remédios anti-maláricos... tipo a nossa velha amiga, a cloroquina.

Que o Ruschi tomava do jeito que é mesmo pra se tomar – ou seja, pra prevenir ou tratar malária.

O problema é que foram 50 anos de anti-maláricos. E aí veio mais uma cirrose virótica, e o fígado não aguentou.

De qualquer forma, quando eu soube dessa história, eu pensei de cara que essa morte do Ruschi, ainda em junho de 86, podia ter sido um balde de água fria no movimento indígena num momento bem crucial.

Eles tavam com o apoio do presidente, do ministério do Interior, aviões do governo à disposição, o escambau... e aí o paciente pega e morre logo depois.

Fosse de sapo, fosse de cloroquina, não importava...

Mas eu fiquei pensando que provavelmente quem tinha botado fé ficou com pé atrás.

E, quem nunca confiou, achou que tava certo em desconfiar.

Fernando Niemeyer: Essa opinião, a princípio, descrente da potência da cura xamânica, da cura indígena, ela cresce e se reforça quando ele vem a falecer. É como que tivesse estourado um balão e, né, essa expectativa que foi criada em cima dessa história. No fundo: "tá vendo, na verdade não adiantou nada, não tinha nada a ver".

Flora Thomson-Deveaux: O Fernando já tinha ouvido falar dessa história, e até tinha comentado dela com o Raoni nas entrevistas pro livro – mas o Raoni não deu muita corda. Fora o que saiu nas matérias na época, o Raoni nunca mais tinha falado sobre o caso. E eu queria muito saber o que ele lembrava, então eu pedi ajuda prum dos netos dele.

Flora Thomson-Deveaux: Oi, Patxon. Está conectando no áudio ainda. Agora foi, João.

Fernando e Patxon se cumprimentam em caiapó.

Flora Thomson-Deveaux: O Patxon foi até a aldeia do avô, no Parque do Xingu, e se sentou com ele pra ouvir a história – dessa vez, gravando.

Patxon Metuktire: Então, eu não sabia da história do... daquele Augusto Ruschi e quando eu cheguei lá, eu falei para ele e ele lembrou, "ah, é verdade, eu lembro". Ele falou assim "o feitiço do sapo pegou ele. Aí Sarney me chamou e me pediu ajuda para eu ir lá curar ele. Aí eu e Sapaim fomos".

Raoni fala em caiapó em entrevista.

Flora Thomson-Deveaux: Essa voz aí é do Raoni, falando em caiapó. Depois o Patxon traduziu toda essa entrevista que ele fez com o avô pro português – mas ele adiantou um pouco aí nessa conversa por vídeo comigo e com o Fernando Niemeyer.

Patxon Metuktire: Ele falou "não, o Sarney era muito aberto para falar comigo. Eu ia no gabinete do Sarney. O presidente da Funai fazia contato com ele, eu ia. Os deputados que cercavam ele também me recebia, me levava lá. Então... o ministro também era muito aberto". Aí ele falou "era uma época muito boa, agora, hoje tem presidente punutire".

Flora Thomson-Deveaux: O que é isso?

Patxon Metuktire: Fernando?

Fernando Niemeyer: É muito ruim. Horrível.

Flora Thomson-Deveaux: O que é a palavra?

Fernando Niemeyer: Punutire. Punu é ruim, e tire é uma coisa muito grande.

Flora Thomson-Deveaux: Muito. Tá, punutire.

Fernando Niemeyer: Punutire.

Flora Thomson-Deveaux: "Punutire", no caso, era o presidente na época da nossa conversa, o Bolsonaro. A relação com o Sarney era boa.

Segundo o Raoni, o Sarney ligou pra ele, disse que tinha um amigo que tinha encostado num sapo venenoso, tava passando mal e precisava de cura. E que quando ele – o Raoni – viu o cara – o Ruschi –, ele teve certeza de que era mesmo envenenamento por sapo.

Vou ler aqui um trechinho da tradução que o Patxon fez do depoimento do avô.

Flora Thomson-Deveaux: *Os olhos dele pareciam com os olhos de sapo. Quando chegamos percebemos isso.*

Aí o Sapaim me falou: "Meu irmão, você está vendo isso?"

Eu respondi: "Sim, é sapo que está atacando ele."

Sapaim me falou, "É isso mesmo".

Ele me falou, "Vamos tirar os feitiços do sapo para ele melhorá logo".

Flora Thomson-Deveaux: Repara que ele diz: "tirar o feitiço do sapo", não "tirar o veneno". Enfim, ele e Sapaim fazem o tratamento, no último dia o Ruschi tá bem, tá forte, e eles dizem que o ritual acabou.

Mais um trechinho:

Flora Thomson-Deveaux: *Aí ele nos falou. Tá bom, estou bem. Dai esperamos que ele pagasse para nós. Mas ele não falou nada.*

Flora Thomson-Deveaux: O Raoni contou pro Patxon que lembrava de ter ido encontrar o Sarney depois do ritual, e de ter comentado com ele que o Ruschi não tinha pagado pelo serviço. Nesse ponto, a memória do Raoni tá um pouco diferente do que eu li na cobertura da época. Na época, ele disse pra reportagem do Jornal do Brasil que quem teria mesmo que pagar era o Sarney, porque era ele quem tinha encomendado a cura. E consta que o Sarney pagou mesmo: deu duas redes de casal e uma panela de barro em sinal de agradecimento.

Mas isso é o que saiu no jornal lá nos anos 80, porque o que ficou na lembrança do Raoni foi isso: que o Augusto Ruschi morreu porque não pagou pelo ritual.

O que ele disse pro Patxon foi: *"Ele não pagou, por isso que o feitiço voltou e matou ele."*

Eu – com a minha cabeça de quem só lidou com medicina alopática a vida inteira –, fiquei muito confusa com isso. Tipo: se eu fizer uma cirurgia num hospital particular e não pagar, provavelmente vão ficar me ligando pra cobrar, talvez me processem, mas o problema de saúde tá resolvido...

O que é que o pagamento tinha a ver?

O Fernando me explicou.

Fernando Niemeyer: O pagamento para o xamã que faz um tratamento é uma coisa muito importante. É muito cara, assim, no sentido em que eles dão muito valor para isso. É tão forte a questão do pagamento que ele está envolvido no processo de cura. Ele sendo feito ou não, ou feito pela metade, isso influencia diretamente na saúde do paciente. De que maneira o pagamento foi feito, se foi a contento ou não. Se for fazer uma

cirurgia, se for tirar essa doença dentro de um hospital seria muito caro, né? Então eles não acham que é caro o tratamento que eles fazem para nós, para um branco. Entre eles é considerado uma coisa cara, é uma espingarda, são itens de valor. Às vezes as pessoas ficam muito tempo amarradas com o pagamento porque é caro, o tratamento foi caro. E se não fica bom, também, não paga. Tem isso também, tem o inverso. Você fez um tratamento, você acha que não ficou bom, não melhorou, você não paga. Isso é motivo de briga, de discussão, de troca de feitiço. Isso é uma coisa que movimenta muitas energias: tratamento xamânico e pagamento do tratamento.

Flora Thomson-Deveaux: Então não é uma coisa trivial.

Fernando Niemeyer: Nem um pouco trivial. E é muito acionado lá também, entre eles. Quando esse tipo de coisa acontece, é muito comum "ah, por que ele morreu?", "ah, porque não pagou...". Então, assim, é uma explicação bem normal. O Raoni falar isso não quer dizer, é bem simples.

Flora Thomson-Deveaux: Eu fui entendendo que o pagamento, na verdade, faz parte do ritual.

Aqui de novo o Patxon, neto do Raoni.

Patxon Metuktire: Então, Flora, a gente está falando de um assunto muito... de um olhar do pajé mesmo. Ali é um outro mundo que a gente precisa entender também. Por que? Porque um pajé quando é chamado ele faz um tratamento, e segundo as leis desse conhecimento, de espiritualidade, o pajé, pajelança, tem um espíritos que sabem a cura. Então esses espíritos te dão força para você curar alguém. Eles também são pajé. Então quando o paciente não paga, os espíritos vão se revoltar contra ele, o pajé. Ele vai ficar mal. E vai sobrar também para o paciente. Eu já ouvi outros pajés falar que se não pagar, os espíritos se revoltam com o pajé. Eles ficam, eles se revoltam, traz problema para ele. Ele sonha mal, ele dorme mal, ele se sente mal, sente dores, sente mal-estar. Isso que eu entendi quando um dos pajés aqui falou quando o vovô fala que ele morreu porque ele não pagou, a morte dele foi atribuída a não haver pagamento. Isso que ele e o Sapaim entenderam, interpretaram desse jeito.

Flora Thomson-Deveaux: Ok, beleza, se a pessoa não paga, ou paga mal, pode fazer com que o ritual não tenha sido concluído e que por isso a doença, o feitiço, volte. Mas o Sarney pagou. Né?

Só que aí tem mais um detalhe.

O Fernando explicou que o pajé não bota um preço no serviço dele.

O pagamento é um ato de generosidade e gratidão da parte do paciente – até por isso, se você acha que você não foi curado, você não paga.

Então não é como se o Raoni e o Sapaim tivessem mandado a conta lá pro Sarney.

Fernando Niemeyer: O anhangá espera receber alguma coisa boa, né? Isso tem a ver se a pessoa que, também, fez o tratamento ela tem muitas coisas, ou ela tem pouca coisa. Então se a pessoa tem pouca coisa mas tem uma espingarda, talvez ele vá querer aquela espingarda, não vai ficar esperando. E no caso do Presidente da República provavelmente ele esperava muita coisa, né, Patxon?

Flora Thomson-Deveaux: É, realmente, se parar pra pensar, o Sarney deu uns presentes que o Raoni provavelmente tinha bastante acesso, né? Tipo, ele não precisava do presidente da República pra ganhar uma rede e uma panela de barro...

E tem outra coisa que eu li na cobertura da época:

Nesse mesmo encontro que o Raoni teve com o Sarney, logo depois do ritual com o Ruschi – nesse encontro que ele contou pro Patxon, que ele falou pro Sarney que o Ruschi não tinha pagado pelo tratamento... – o Raoni aproveitou que ele tava lá com o presidente e pediu uma coisa, sim. Pro jornal, o Raoni disse que não era um pedido "como pajé", e sim "como cacique".

E o pedido era que o Sarney fechasse a estrada BR-080, que tinha sido aberta nos anos 70, cortando o parque do Xingu no meio. E o Raoni queria que eles fechassem essa estrada porque ela tava levando doença pro povo dele.

Vamo combinar que o gesto do Sarney também não foi totalmente desinteressado...

Se o plano dele desse certo – o plano de mobilizar os xamãs pra curar o cientista –, ele ia sair como herói dessa história, pegando um pouco do brilho dos pajés, pagando de presidente esclarecido, amigo dos indígenas e do meio ambiente.

Então pensando por esse ângulo, o ritual de cura era uma coisa bem valiosa pra ele – sendo que ele foi a pessoa que encomendou a cura. E, segundo o Fernando e o Patxon, se a cura tinha sido muito valiosa pra ele, o pagamento tinha que ter sido uma coisa bem valiosa também. Que custasse caro mesmo. Tipo: fechar uma estrada.

E o Sarney... bom, o Sarney pagou o ritual com duas redes de casal e uma panela de barro.

Fernando Niemeyer: É, parece bem... pela lógica do mebêngôkre, né, Patxon, é bem certeza que esse paciente ia vir a óbito, né?

Flora Thomson-Deveaux: Depois de ficar sabendo de tudo isso, eu não resisti, e perguntei pro Fernando: então não foi nem o sapo, nem a cloroquina que matou o Ruschi? Foi o Sarney?

Mas o Fernando achou melhor não botar nesses termos.

O Sarney, aliás, não aceitou o nosso pedido de entrevista.

Por mais que o Ruschi não tenha conseguido concluir todos os trabalhos dele num espaço tão curto de tempo, o ritual de cura ainda deu outra coisa pra ele: a fama.

Márcio Spinosa: O povão ficou sabendo dele na época da pajelança, ninguém conhecia quem era Augusto Ruschi, né. "Ah, eu sou enteado do Augusto Ruschi" "quem é Augusto Ruschi?", né. Hoje até as pessoas sabem, entendeu, tem muito isso, né. Então essa pajelança, eh, criou nele uma figura pública, né, que ele até então não tinha essa visibilidade, né, não tinha.

Flora Thomson-Deveaux: Depois do ritual, o Márcio passou alguns meses morando em Santa Teresa, junto com o padrasto. O Ruschi ainda tava debilitado, mas assim que ele chegou de volta ao escritório, ele começou a trabalhar furiosamente.

Márcio Spinosa: Escrevendo, catalogando, ele dormia com a prancheta na mão, porque ele tinha muito trabalho ainda que ele queria... se eu não me engano, ele tava desenvolvendo um trabalho com macacos, alguma

coisa assim, no final da vida dele. Só que ele queria deixar isso, né, é como se ele soubesse assim que ele tava numa contagem regressiva, entendeu, então ele tinha que tirar da caixola dele tudo que ele ainda tinha pra botar no papel e pra... pra que dessem seguimento ao... ou então pra dar vida ao que ele justamente trabalhou a vida inteira né, então ele tava nesse processo.

Flora Thomson-Deveaux: Pelo que o ele viu, Márcio achou que o ritual xamânico deu um fôlego novo pro padrasto dele.

Márcio Spinosa: Se não tivesse acontecido a pajelança com certeza ele teria falecido antes, eu não tenho dúvida disso, né. Então aquilo pra ele foi uma sobrevivência, porque ele de fato ele já tava muito debilitado naquela época, então muito dificilmente algum tratamento, seja de qual for, ia, digamos, virar esse jogo, ainda mais quando se fala de fígado, que ele não se regenera, né, o fígado, depois que ele é atingido é muito difícil de você, né, só um transplante, enfim, né. Eu não sei se na época isso foi cogitado, talvez pela idade dele, enfim eu não tenho noção de fato se isso passou pela cabeça de alguém na época, né, mas ele teve sempre um acompanhamento médico muito ali. E depois que aconteceu a pajelança, ele ainda continuou, eh... com a saúde limitada, né, ele melhorou, ele teve uma melhora ali porque naturalmente ele tava com um mal estar muito grande ali na situação, e a pajelança deu a ele um bem-estar, que ele não sentia talvez há tempos, né, deu a ele um bem-estar.

Flora Thomson-Deveaux: E além da melhora física e de ânimo, o Márcio sente que o ritual abriu o Ruschi pra outros caminhos, outras formas de ver o mundo, nos últimos meses de vida dele.

Lembra que o Márcio tava num seminário da igreja messiânica logo antes do ritual?

Bom, nesse período em Santa Teresa, o Márcio levou um ministro dessa igreja para ver o padrasto.

Márcio Spinosa: Ele ficava sentado o tempo todo e tal, escrevendo, e não se movimentava. Aí esse ministro foi e falou "não, vamo caminhar" "vamo, bota o pé na terra, abraça uma árvore", não sei o que, ele fez um monte de trabalho com ele, até pra que ele... aí foi quando ele, né, começou a perceber a energia da natureza, que até então, né, ele conhecia

cientificamente, mas ele começou também a se beneficiar, ele vivia no meio da mata.. Então, aí ele.. e ele era muito... não podia andar descalço, sempre agasalhado, aí esse ministro fez o contrário com ele, ministro Fernando Rocha, né, meu amigo até hoje, enfim, aí falou "não, bota o pé no chão, cê tem que captar a energia da terra, né, cê tem que se fortalecer. A natureza que você tanto defendeu, né, ela quer também te proporcionar algo positivo, então vamo lá, abraça essa árvore que você tanto defendeu", entendeu, como se assim "deixa a natureza contribuir, deixa a natureza retribuir o que você fez por ela", né.

Flora Thomson-Deveaux: Eu fiquei feliz de imaginar isso: um cientista que tinha passado a vida na floresta mas não andava descalço na grama, finalmente tendo essa experiência.

Mas ainda ficou esse mistério da cura e da morte. O que aconteceu, afinal?
O ritual xamânico ficou incompleto?
Foi o espírito do sapo que voltou?
Foi uma overdose de cloroquina?

Branca Vianna: Pra mim, que sou totalmente cética de tudo, parece óbvio. Porque o cara teve oito malárias, tomou cloroquina a vida toda, meteu a mão em sapo venenoso – talvez nem tenha sido os únicos, né, porque gente que trabalha na floresta acaba passando por essas coisas... e o cara já está com 95% do fígado comprometido, é... é isso, o cara está morrendo por causa disso, né? Aí talvez esse ritual tenha tido um super efeito placebo que a gente sabe que existe, a gente sabe que é real... e pode ter sido isso, né? Deu uma energia pra ele, deu, assim, um gás de última hora que era o que ele estava querendo muito, e essa esse ritual deu isso pra ele de alguma maneira. E não cura, porque o cara já estava muito mal, né?

Flora Thomson-Deveaux: Mas quando você fala de efeito placebo, de dar uma energia, isso não parece incompatível com o entendimento do Raoni de que eles estavam tirando o espírito do sapo dele, né?

Branca Vianna: Hum, como assim?

Flora Thomson-Deveaux: É porque se é uma coisa de ânimo... enfim, eles entendem doença como, assim, os espíritos, esses espíritos malignos atacando, e tipo o que é assim o placebo é uma coisa de...

Branca Vianna: Intangível, né? Moral.

Flora Thomson-Deveaux: Intangível, é uma coisa de como a gente encara o mundo, né? Então, tipo, se você tem, se o seu humor melhora, se a forma como você enxerga a sua doença melhora, isso não é tipo tirar algum espírito maligno de você?

Branca Vianna: É verdade, tem razão.

Flora Thomson-Deveaux: Então não é... uma coisa não elimina a outra.

Branca Vianna: Eh. Tem toda razão, é só uma maneira diferente de expressar a mesma coisa, né?

Flora Thomson-Deveaux: Sim. É porque é isso, o efeito placebo, e a gente não entende o jeito como funciona. Então talvez, pô, o Raoni esteja ali nos falando: "gente, é o sapo.

Branca Vianna: Funciona assim, ó. Vocês estão aí confusos, mas eu não estou nada confuso. É assim que funciona".

Flora Thomson-Deveaux: É assim que funciona.

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux.

Quando a gente tenta resolver um problema, nem sempre a gente tá ciente das consequências que essa "mexida no cenário" vai causar, né?

Na época da Revolução Comunista na China, em 1949, o grupo que assumiu o poder se viu com várias crises pela frente.

Além da pobreza e da fome generalizadas, o país tava lidando com surtos endêmicos de várias doenças infecciosas.

Era uma batalha de muitas frentes.

Então eles criaram um serviço nacional de saúde, teve uma campanha enorme de vacinação, construíram sistemas de água e esgoto...

Mas nem a fome nem as doenças infecciosas davam trégua.

E aí o governo comunista se deu conta de que a solução não tava só na infraestrutura. Porque boa parte dos problemas de saúde tinham origem num inimigo infiltrado.

Não, não era um agente secreto capitalista... era um inimigo muito menor.

Inimigos, na verdade, no plural. Pequenos, mas numerosos: os vetores de doenças. Mosquitos, ratos, moscas.

A gente, que mora no Brasil, tá acostumado com a campanha contra a dengue todo ano, né? A guerra ao *aedes aegypti*, acabar com a água parada pra não deixar o mosquito nem nascer. Os chineses apostaram nesse extermínio pra tentar reduzir a malária, a peste, e tal.

Mas ainda tinha a fome... e aí, nessa pegada "exterminadora", os cientistas apontaram pra outro "vetor". Que não espalhava doença, mas que taria na origem da fome: o pardal. Sim, o passarinho.

Os cientistas chineses calcularam que cada pardal comia vários quilos de grãos por ano. Então pra cada milhão de pardais que você eliminasse, ia sobrar comida pra umas 60 mil pessoas.

Então, em 1958, teve início a grande caça aos pardais da China. Qualquer cidadão de bem que visse um pardal tinha ordens de atacar. Atirar. Gritar, fazer barulho, espantar o pássaro até ele não conseguir pousar em lugar nenhum... ficar exausto e cair morto do céu.

A gente não sabe exatamente quantos pardais foram abatidos nessa grande batalha, mas foi da ordem de milhões.

O fato é que, depois de algum tempo, uma coisa ficou clara.

Os pardais não comem só grãos.

Na verdade, eles se alimentam basicamente de insetos.

E com essa queda vertiginosa no número de pardais, as populações de insetos começaram a explodir.

Já no ano seguinte, o governo mudou de rumo.

O pardal não era mais o inimigo. Mas aí tava tarde.

O declínio na população dos pássaros ajudou a criar uma praga gigante de gafanhotos, que destruiu uma porção imensa da colheita do ano seguinte, e no outro ano também.

Os pardais tiveram que ser reintroduzidos no país.

E a escassez que resultou da colheita destruída matou milhões a mais de fome.

Na hora de resolver um problema, a gente faz o melhor que a gente pode com a quantidade de informação que a gente tem naquela hora...

Às vezes dá certo. Às vezes dá muito errado. Às vezes aparece um problema completamente diferente.

O Brasil – como a China, como qualquer outro país – também tem vários problemas que a gente vem tentando resolver sem muito sucesso, de maneiras diferentes, há muitos anos.

Um dos problemas mais escancarados que a gente tem é o número assustador de mortes violentas todo ano.

E quem vai contar pra gente essa história torta de algumas tentativas de solucionar esse problema é um cara que entende muito de segurança pública.

O Bruno Paes Manso.

Bruno Paes Manso: O Brasil é um país que tem muita morte violenta. Muito assassinato. Eu sei que você já deve ter ouvido bastante essa analogia, mas realmente são números de países em guerra.

É tanta morte que a gente naturalizou até o "coletivo" de homicídio: chacina. A gente que pesquisa segurança pública chama de "chacina" quando tem três assassinatos ou mais, na mesma ocorrência.

Mas geralmente as que ganham destaque na mídia aqui no Brasil são as que têm 10, 20 mortes de uma só vez.

Teve um tempo, não muito tempo atrás, em que só no Estado de São Paulo eram mais de 90 chacinas por ano. É muita coisa.

Eu já era repórter nessa época.

Em 99, eu fiz uma reportagem pra revista Veja sobre esse número avassalador de mortes. Eu entrevistei 12 matadores. 12 assassinos confessos.

Já tem tempo isso, né? Mais de 20 anos.

Mas tem uma coisa que eu não esqueço: uma espécie de ciclo sem fim de violência que cada uma dessas mortes gerava.

É uma engrenagem de vingança, sabe?

O cara mata alguém; daí os amigos da vítima se organizam pra responder... e matam o cara que matou, e talvez mais algum amigo dele; depois vem a contrarresposta – ou a "tréplica", e matam mais não sei quantos...

Eu pesquisei uma sequência de casos, em 1993, em que uma só morte acabou gerando outros 156 assassinatos ao longo de cinco anos. Olha só esse efeito cascata...

Naqueles anos, em São Paulo, os homicídios tavam numa escalada; tinham crescido mais de 900% em 40 anos.

O tempo passou, eu acabei deixando a Veja, e fui pro Estadão pra cobrir eleição.

Mas não demorou muito e eu pedi demissão.

Eu tava obcecado com essa escalada da violência; eu queria entender o que que tava acontecendo.

E foi aí que eu decidi virar pesquisador.

Eu aposentei o bloquinho e a caneta de repórter por um tempo, e fui pra academia. Comecei um mestrado na USP.

E aí, bom, o improvável aconteceu. Os assassinatos começaram a cair. E não paravam mais de cair. Vamos voltar só um pouquinho no tempo...

Globo Reporter Carandiru

Apresentador: Boa noite. Mais de 100 homens executados em apenas 13 horas. A maior chacina de presos em todo o mundo. O fato mais terrível da violenta crônica policial brasileira.

Bruno Paes Manso: Cê já deve ter ouvido falar no Massacre do Carandiru, que aconteceu em outubro de 1992. Carandiru é um bairro da zona norte de São Paulo. E era onde ficava a Casa de Detenção, o maior presídio no perímetro urbano da cidade. E muita gente se referia ao presídio como "o Carandiru". Bom, em outubro de 92, aconteceu uma rebelião dos presos do Carandiru... a polícia militar foi chamada pra conter e o resultado: 111 detentos foram assassinados.

Corta pro ano seguinte. Nasce o PCC – o Primeiro Comando da Capital, que iria se tornar a maior facção criminosa do Brasil.

Pra resumir bem essa história: o grupo primeiro surgiu como um time num campeonato de futebol entre detentos, numa penitenciária de Taubaté; depois, esse time acabou crescendo e se tornou uma espécie de sindicato. Um sindicato de presidiários.

E o Massacre do Carandiru acabou sendo um catalisador pra essa transformação do PCC de time de futebol em uma facção criminosa. Não é especulação minha...

Tanto que o estatuto de fundação do PCC dizia: "Temos que permanecer unidos e organizados para evitar que ocorra novamente um massacre, semelhante ou pior ao ocorrido na Casa de Detenção".

Isso, lembrando, meados dos anos 90.

E o maior salto no crescimento do PCC aconteceu no começo dos anos 2000... quando o comando deixou de ser só um sindicato de detentos e entrou no mercado de drogas... que só foi possível porque naquela época tava rolando a popularização do telefone celular.

Quer dizer: de dentro dos presídios, os líderes da facção comandavam a distribuição das drogas no estado todo. Com o tempo, a facção entrou de vez no mercado atacadista e passou a vender não só pra outros estados do Brasil, mas a outros países.

O mercado de drogas é um mercado bilionário, e a chegada do PCC fez com que o crime em São Paulo começasse a se profissionalizar: foram criadas umas regras de relacionamento – e quem não respeitasse era punido.

A punição variava; podia ser a expulsão do infrator de um determinado bairro ou presídio... podia ser algum tipo de tortura... ou até a morte. E tudo isso, lembrando, era comandado de dentro das penitenciárias – que viraram escritórios do crime.

Com essa profissionalização, os integrantes do PCC conseguiram ganhar mais dinheiro e reduzir as chances de serem assassinados. E essa organização do banditismo em São Paulo – com o PCC atuando como uma espécie de "agência reguladora" do "mercado do crime" – foi fundamental pra queda dos homicídios, como eu pude acompanhar ao longo do mestrado e depois no doutorado.

Um monte de coisa pode tá passando pela sua cabeça agora.

"Ah, mas isso é apologia ao crime".

"Se for assim, dá um Nobel da paz pro PCC".

Eu sei.

Mas acompanha comigo aqui: a maioria absoluta dos casos de homicídio no Brasil é de jovens matando jovens, em disputas de poder ou em ciclos de vingança nas periferias do Brasil. Os homicídios praticados pela polícia também são importantes, mas correspondem a algo em torno de 10% do total de mortes violentas.

E é inegável: quando tem um ou mais competidores disputando o mesmo mercado do crime, a violência aumenta. Porque, nesse universo, a concorrência é resolvida na base da bala, mesmo. Já nos mercados em que não tem competição ou que são mediados por alguma espécie de "agência reguladora do mercado criminal", a violência cai.

Eu sei que isso pode parecer uma simplificação pra um assunto muito complexo – e é claro que outros fatores, além do universo do Judiciário e do sistema penitenciário, também acabaram contribuindo pra essa queda nos homicídios.

Tipo a aprovação do Estatuto do Desarmamento, por exemplo, no começo dos anos 2000, ou o envelhecimento da população e o aumento do número de matrículas nas escolas.

Mas o que eu tô te dizendo é que é inegável – e existem muitos estudos sérios sobre isso – que a criação de regras para o mercado do crime em São Paulo, mediadas por um tipo de, e aqui aspas de novo, “governo do crime”, acabou, sim, influenciando decisivamente nessa redução dos assassinatos.

Queiram os governantes aceitar isso ou não.

Eu não tô dizendo aqui que o PCC é pacifista.

Não é nada disso.

Tô falando de uma gestão bem-sucedida do mercado do crime.

Um mercado bilionário, que depende de regras para funcionar. Regras que não podem ser criadas pelo governo porque o mercado é ilegal. O que acaba abrindo a oportunidade pro surgimento desse governo do crime.

E aí a gente vai dar mais uma virada nessa chave.

Os casos de homicídios em São Paulo seguiram caindo até o estado alcançar a menor taxa entre todos do Brasil.

Por outro lado, os assassinatos nos estados do Norte e do Nordeste... explodiram.

Foi um salto tão grande que o Brasil passou a registrar 60 mil homicídios por ano.

Estados como Rio Grande do Norte, Bahia, Maranhão, Ceará, Sergipe, Pará e Amazonas – que nos anos 80 e 90 estavam entre os menos violentos do país – passaram pro topo do ranking de assassinatos.

Na verdade, esse sucesso todo do PCC acabou tendo um efeito colateral.

O sucesso da facção paulista nas fronteiras tornou a distribuição nacional de drogas e de armas mais eficiente e fortaleceu a cena criminal dos estados. As quadrilhas se inspiravam no PCC e criavam suas gangues a partir das prisões, que via sua população se multiplicar em todo país.

O mercado de drogas se expandiu e foi ganhando as cidades brasileiras.

A concorrência nesses lugares aumentou. E, com a concorrência pelo mercado do crime, a gente já sabe... mais mortes.

E aí? Que que a gente faz? Não dá pra contar com a "auto regulação" do mercado do crime e esperar essa onda passar... mas a solução é o que? Repressão? Tipo o que a PM paulista fez no Carandiru?

Vamo fazer uma pequena pausa, aqui.

Prisão é um assunto delicado, né? Pensa numa cadeia.

O que que te vem à mente?

Provavelmente vai ser um lugar quente, abafado, sujo, entulhado de gente.

Acho que uma palavra que combina bastante com essa imagem é "desesperança".

Daí me intriga muito essa esperança que a sociedade deposita na existência das prisões.

É como se fosse uma caixa mágica: joga os problemas lá dentro e tá tudo resolvido.

Tá surgindo mais problema? Joga lá dentro. Não cabe mais? Constrói outra caixa! Depois outra, depois outra...

Foi assim que o Brasil chegou ao honroso posto de terceira maior população carcerária do mundo.

Tem mais gente trancada em presídio aqui do que a população inteira de Florianópolis.

E ok, talvez você ache que é por aí mesmo, que se infringiu a lei tem que ir preso... mas... tá funcionando? Não tá, né?

O surgimento do PCC dentro da cadeia é só um exemplo disso.

Mas talvez você seja pensando que o que falta é mais controle, jogar mais duro, apreender de verdade os celulares dentro dos presídios, desarticular essas redes, impedir a formação de lideranças ali dentro... você não tá sozinho nessa linha de pensamento.

Teve uma hora que o governo decidiu criar penitenciárias federais de segurança máxima. E essa é mais uma virada de chave.

Flávia Fróes: Bem, o sistema penitenciário federal, ele foi inaugurado lá em 2006, né? Para conter rebelião, pra conter determinadas lideranças, afastá-la da comunicação com seu meio de influência.

Bruno Paes Manso: Essa é a advogada Flávia Fróes – e eu pedi pra ela ajudar a gente a entender essa virada de chave.

Mas antes de entrar nesse assunto do sistema penitenciário federal, eu queria te apresentar melhor a Flávia – pra você entender por que eu acho que ela tem uma visão privilegiada dessas dinâmicas de poder dentro do crime.

Flávia Fróes: Eu comecei fazendo pessoas do Terceiro Comando, o falecido Robinho Pinga, que eu trouxe de volta pro Rio, morreu de câncer.

Bruno Paes Manso: Aí você começa também a trabalhar pro Comando Vermelho...

Flávia Fróes: Pro Comando Vermelho. A primeira pessoa que eu faço é o Lico, que é um traficante de Niterói.

Bruno Paes Manso: "Fazer", no caso, é ter tal pessoa como cliente. A Flávia usa "pegar" também.

Flávia Fróes: Quando eu pego o Márcio, pego o Pezão, que era o Luciano, consigo colocar ele em liberdade nesse período. [...] Na época, milagre, eu solto vinte e duas pessoas consideradas de liderança nesse período de 2005. Vira meio que uma sensação.

Bruno Paes Manso: Eu passei quase 3 horas conversando com a Flávia Fróes no Rio. Já deu pra sacar que ela é uma dessas figuras incontornáveis quando você quer entender o mundo do crime, né?

Flávia Fróes: Porque eu trabalho pra todo mundo....

Bruno Paes Manso: A Flávia trabalha pra todo mundo.

Flávia Fróes: Eu trabalho com pessoas a quem se atribui pertencer a milícia, Comando, ADA, PCC, enfim, todo mundo.

Bruno Paes Manso: Foi a primeira vez que a gente sentou pra conversar, mas eu já tinha ouvido falar muito dela.

Flávia Fróes: Comecei a advogar com 21 anos, era muito menina. Usava coque, óculos sem precisar de correção visual, porque eu achava que eu deveria parecer assexuada para não ser assediada. Sempre fui uma figura muito sisuda. Hoje posso ser mais descontraída, depois de 26 anos eu me permito brincar mais. Eu falo assim: olha, no momento que eu coloco uma foto de fio dental lá no Instagram, mesmo estando com cinco netos e tal, eu empodero outras mulheres para entender que elas não têm que ser empacotadas pelo patriarcado. Essa virada de chave que acontece depois de 2010.

Bruno Paes Manso: Não é sobre essa "virada de chave" da Flávia, de postar foto de biquíni no Instagram, que a gente vai falar aqui. A gente vai falar de outra virada de chave – que começou com a implementação das prisões federais.

Bom, na verdade as prisões federais já tavam previstas na Lei de Execução Penal de 84 –, mas a implementação delas só foi anunciada pela primeira vez em 2003 – no primeiro governo Lula.

Flávia Fróes: O primeiro presídio foi o de Catanduva no Paraná, no interior do Paraná dentro de uma cidadezinha de seis mil habitantes. Isso foi inaugurado em 2006.

Bruno Paes Manso: Hoje tem 5 penitenciárias federais no Brasil.

Flávia Fróes: Depois inauguram Campo Grande, foi segunda penitenciária federal, Mato Grosso do Sul. Depois Porto Velho, em Rondônia. E depois inauguram Mossoró, lá no nordeste...

Bruno Paes Manso: Mossoró, no Rio Grande do Norte.

Flávia Fróes: E por último, agora em 2019, Brasília.

Bruno Paes Manso: A ideia da penitenciária federal sempre foi isolar os chefes das facções. Tirar um sujeito que comanda o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, por exemplo, e mandar ele pra Mossoró. É aquela história: isolar os caras.

Flávia Fróes: Nós vivemos num Brasil de proporções continentais. Você imagina o que é para um familiar que não tem condições financeiras visitar esse preso que está em Porto Velho, por exemplo, o sujeito mora em São Paulo, no Rio de Janeiro... Como é visitar na penitenciária?

Bruno Paes Manso: A Flávia, já deu pra você perceber, é muito crítica do sistema penitenciário federal. E talvez você seja pensando: "claro, advogada de bandido...", e que bandido não tem que ter "regalia" mesmo. Mas visita de família é regalia? Tá, celular dentro do presídio é regalia... Já a manutenção do vínculo com os familiares é entendida como um dos caminhos básicos pra ressocialização. E ali, no sistema federal, o regime é bem mais controlado. Reclusão real.

Flávia Fróes: As celas são pequenas, de cimento. A porta é porta de masmorra, chapa de ferro com um buraco para entrada de comida. Eles não têm acesso a rádio, televisão, nenhum meio de comunicação com o mundo exterior. São 22 horas de encarceramento por dia com 2 horas para banho de sol, que eles saem para a galeria.

Bruno Paes Manso: Bom, então tá tudo resolvido, né? Pega os chefões do crime; manda eles pra bem longe de casa; tranca bem; e acabou o problema do tráfico de drogas no Brasil.

Flávia Fróes: O PCC cresce a partir do tempo de permanência de lideranças nas penitenciárias federais.

Bruno Paes Manso: PCC é uma irmandade de criminosos, lembra? Uma irmandade que funciona em torno da ideia de que o crime fortalece o crime e de que as regras devem ser respeitadas pro bem de todos. Essa rede conta com integrantes em postos de comando que fazem com que as regras sejam obedecidas. Eles também ajudam a articular os negócios dos membros da rede, emprestam dinheiro, pagam advogados da facção... É camada e mais camada de poder. Se você tira o cabeça, outro cabeça é nomeado... e é lógico que ele não vai abandonar o cabeça que foi mandado pra longe... nem a família dele...

Flávia Fróes: Criam-se casas de apoio para receber familiares de pessoas. Eles alugam uma casa onde tem comida na geladeira e tal. Família vai visitar, tem onde ficar para não gastar hotel. Porque a pessoa

não tem condição. E aí, esse cara é acolhido por uma liderança. Quando ele volta, ele volta... "PCC Futebol Clube".

Bruno Paes Manso: Só que – lembra? – agora não existe mais só o PCC.

Flávia Fróes: Primeiro, houve uma expansão muito grande do PCC. Ele cresce muito, né? E os presos, eles chegam no sistema penitenciário federal, se batizam PCC e voltam para seus estados batizados. E a partir do PCC, alguns resolvem largar a liderança central e criar suas próprias facções.

Bruno Paes Manso: ... suas próprias facções que não são subordinadas ao PCC. E, muitas vezes, que disputando territórios entre si. Quer dizer: não demorou muito pros líderes dessas diferentes facções começarem a se matar.

Flávia Fróes: Hoje eles identificam 53 facções exatamente por isso, porque "tá legal, gostei dessa ideia aqui de comprar arma assim, de me organizar assado". Não, mas eu não quero estar ligado a essa liderança aí não, porque aqui eu vou fazer do meu jeito, culturalmente – Eu vou fazer a versão nordestina, a versão baiana...

Jornal da Record Manaus

Apresentador: Começamos falando da rebelião em Manaus que deixou pelo menos 56 mortos, todos foram assassinados por presos.

Voz apresentadora: Segundo a secretaria de Segurança, é uma guerra entre facções pelo controle da venda de drogas na região Norte do país.

Bruno Paes Manso: Talvez você lembre disso, não faz tanto tempo assim: foi no dia 1º janeiro de 2017. Esse presídio de Manaus não é uma unidade federal, mas foram mandados pra lá vários integrantes do PCC. Todos os 56 mortos nessa rebelião eram do grupo paulista. O assassinato deles foi ordenado por um grupo criminoso do Amazonas chamado Família do Norte, junto com o Comando Vermelho, do Rio de Janeiro.

E aí começou um ciclo que eu já conhecia bem – um déjà vu, só que em outro cenário agora... Cinco dias depois, o PCC se vingou e promoveu um novo

massacre, dessa vez em Roraima: 33 integrantes do Comando Vermelho foram assassinados. Antes da metade do mês teve outro massacre, agora no Rio Grande do Norte: 26 mortos.

Mas tem uma coisa que a turma do "preso bom é preso morto" desconhece ou ignora: que o que acontece nas prisões costuma pular o muro.

A disputa entre as facções foi pras ruas – e, naquele ano das rebeliões, o número de homicídios bateu um recorde histórico no Brasil: 65 mil assassinatos.

A verdade inconveniente nisso é que prender mais gente; construir mais presídios não resolve o problema da violência. Na verdade, o resultado dessa política pode produzir efeitos colaterais:

O aumento da população carcerária levou ao fortalecimento das gangues surgidas e administradas de dentro dos presídios. Quanto mais gente presa, maior é o exército das facções criminosas.

Quando tudo isso aconteceu, eu já tinha voltado pro jornalismo diário, sem deixar de lado a pesquisa. Na academia, eu faço parte do Núcleo de Estudos da Violência da USP, a Universidade de São Paulo, e a gente propôs pro site G1 e pro Fórum Brasileiro de Segurança Pública a criação de um "Monitor da Violência", pra acompanhar a variação dos homicídios nos estados. O Monitor foi lançado bem nesse caos aí de 2017. E, no ano seguinte, aconteceu isso aqui:

Jornal Nacional

Apresentadora: O número de mortes violentas no Brasil diminuiu. Os dados são do Monitor da Violência do G1, em parceria com a Universidade de São Paulo e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Bruno Paes Manso: Sim, parece história repetida, mas foi isso mesmo que aconteceu. Nacionalmente, os homicídios começaram a cair. E, assim como foi no começo dos anos 2000 em São Paulo, essa queda nacional tá se mantendo até hoje. E tá uma conta que é difícil de fechar.

Porque essa queda veio logo depois do caos nos presídios; logo depois do recorde histórico de assassinatos, em 2017.

E vale lembrar também do contexto político: em 2018, o primeiro ano da queda, o governo federal tava praticamente imobilizado. Era ano de eleição pra presidência; o finalzinho da gestão Temer, e com a Lava Jato quase no fim, mas ainda rolando.

Daí, no ano seguinte, assumiu o Bolsonaro, e eu imagino que você já saiba – mas, se não sabe, eu te conto que praticamente não teve uma política de segurança pública na gestão dele. Política mesmo, sabe? Com planejamento, com estudo.

O que teve foi uma flexibilização do controle sobre o porte de armas e de munições.

***Jair Bolsonaro:** Nós facilitamos a compra de armas de fogo por parte do povo brasileiro...*

Bruno Paes Manso: O governo até tentou capitalizar em cima dessa queda do número de homicídios – dizendo que os bandidos agora pensam duas vezes antes de praticar um assalto porque a população tá armada.

Mas isso não faz o menor sentido. Porque os casos de latrocínio, de roubo seguido de morte, correspondem a menos de 5% do total de mortes violentas.

Então o que explica, afinal, essa queda dos assassinatos?

Flávia Fróes: O que eu vejo, Bruno, é o seguinte. Lá em 2017, quando começa esse processo de restrições de direitos fundamentais no sistema federal...

Bruno Paes Manso: A Flávia tá se referindo a uma coisa que aconteceu nos presídios federais depois daquela sequência de rebeliões de 2017. Uma retaliação aos detentos do sistema federal. Foram proibidas, por exemplo, as visitas íntimas. E aí o Sérgio Moro assumiu como ministro da Justiça do governo Bolsonaro.

Flávia Fróes: Logo no início, ele faz uma nova portaria. E aí ele impede qualquer tipo de visita. Porque até então estavam sem as visitas íntimas, mas ainda conseguiam abraçar os seus filhos. A partir da entrada do Sérgio Moro, da portaria 157, acaba qualquer tipo de contato humano.

Bruno Paes Manso: Na verdade, essa já era uma bandeira do Moro desde bem antes de ele assumir como ministro.

Flávia Fróes: Eu conheço Sérgio Moro lá em 2006. Isso antes da operação Lava-Jato, que ele era o juiz titular da execução responsável pelo sistema de Catanduvas.

Bruno Paes Manso: Catanduvas, no Paraná, onde foi implantada a primeira penitenciária federal. Mas aí, em 2019, quando o Moro assume o ministério da Justiça, ele faz a portaria 157 impedindo as visitas aos detentos federais... e a Flávia toma uma iniciativa.

Flávia Fróes: Eu começo a documentar isso para a Corte Interamericana. Ouvimos famílias de presos sobre os impactos sobretudo nas crianças.

Bruno Paes Manso: Só que aí tinha um problema, né? Lembra, a Flávia tem cliente de tudo o que é facção, organização criminosa... inimigos mortais, que não se juntam pra nada.

Flávia Fróes: Mas eu falei: "Mas eu não posso restringir o meu trabalho, sinto muito. Se vocês quiserem que eu ouça as famílias de vocês, eu preciso que todo mundo possa estar no mesmo barco, né". E aí eles aceitam. Eles passam a me mandar documentação médica, a gente começa a fazer esse levantamento dos impactos com eles, mas sobretudo do impacto dessas medidas na família. Depressão, uso de fármacos pelas mulheres também. Pelas crianças, queda no desempenho escolar. A criança quer ir lá e falar: "Olha, pai, tirei 10". Quer dar um abraço. O pai quer dar uma bronca. Porque é uma família que se relaciona no ambiente do cárcere, ponto. O sujeito não vai sair, tem pena enorme, mas a relação dele com o filho dele o Estado não tem como tolher. Nós conseguimos documentar muita coisa..

Bruno Paes Manso: E foi nessa que ela percebeu uma coisa.

Flávia Fróes: A formação do sistema penitenciário federal acabou criando uma capilaridade de identidade de desgraça. Em alguma medida, o Estado com essa opressão acabou contribuindo com que eles se relacionem, né? Que haja uma potencialização de uma trégua entre eles.

Bruno Paes Manso: O aumento da repressão aos presos mais o fato de que agora os chefes de facções tão todos reunidos por uma causa comum acabou provocando a necessidade de diálogo.

Sem contar que a trégua e a diplomacia são sempre caminhos mais baratos e lucrativos, algo que o setor criminal brasileiro, vem captando faz tempo. A Flávia deu uma forcinha pra isso acontecer.

E esse seria um dos principais motivos pra redução dos homicídios nos últimos anos: o surgimento de um mercado criminal mais propenso aos acordos do que aos conflitos fatais. E essa nem é uma especificidade do Brasil: as organizações criminosas mais fortes de diversas partes do mundo também seguiram esse caminho.

Eu fiquei pensando nesse grande fluxo de armas que passou a fazer parte do cotidiano brasileiro. Tão acontecendo uma série de mortes nas ruas por causa disso. O crescimento de armas em circulação aumenta os homicídios ocasionais, nas brigas de trânsito, de bar, dentro de casa, sem falar no aumento dos suicídios.

Mas não é esse tipo de assassinato que move a engrenagem nacional, que gira motivada pela vingança e pelas disputas territoriais entre quadrilhas e facções.

O que é irônico disso tudo é que, com um discurso de proteção individual contra a violência, o governo Bolsonaro pode ter levado cidadãos a se matarem uns aos outros. E, por outro lado — de novo — é o crime que vem evoluindo e reduzindo a morte entre seus membros, que estão cada vez mais ricos.

A construção dos presídios federais acabou criando uma espécie de "congresso nacional" da criminalidade, com representantes de várias regiões do país. E isso aconteceu em dois momentos: no primeiro, esses chefes se estranharam. No segundo, eles sentaram pra conversar.

E, claro que a diminuição das mortes violentas dá um alívio... mas, de novo, não é política pública. É a mão invisível do mercado do crime.

Flávia Fróes: Esse momento eu acho que devia ser a grande preocupação do Estado. Eu digo sempre, o cachorro que é chutado, uma hora ele te

morde. E eu penso, a quem serve a formação de tantas facções? A quem tá servindo? O sistema penitenciário federal acabou nacionalizando algumas lideranças criminosas, acabou criando novos grupos. E a gente vai ter um terceiro momento, isso não esgota aqui, a história continua.

Bruno Paes Manso: Qual é esse terceiro momento?

Flávia Fróes: É isso o que mais preocupa, é o compreender que dentro de uma possibilidade quem sabe de união, existe um potencial bélico do crime muito grande. Quando esse grupo, ele deve deixar de gastar munição um com o outro, que monstro o Estado está criando contra ele mesmo?

Branca Vianna: Esse foi o Bruno Paes Manso, jornalista, pesquisador, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. O Bruno tem vários livros publicados sobre segurança pública – e o último deles, República das Milícias, foi adaptado pra podcast pela Rádio Novelo pro Globoplay. Tá disponível em todos os aplicativos de podcast, se você ainda não ouviu, eu recomendo muito.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta desta semana.

Queria te convidar pra visitar o nosso site, radionovelo.com.br. No conteúdo extra do episódio do episódio dessa semana tem algumas das fotos que o Rogério Medeiros tirou durante o ritual de cura do Augusto Ruschi. Aproveita também pra assinar a nossa newsletter, que chega toda quinta-feira pra te contar um pouco do episódio da vez e traz ainda dicas culturais fresquinhas do nosso time.

Se você tá curtindo o Rádio Novelo Apresenta e quer ajudar o nosso programa a crescer, você pode fazer isso seguindo o Apresenta no aplicativo em que você ouve podcasts, dando cinco estrelas, e espalhando a palavra por aí.

Agora, se você quiser entrar em contato com a gente – pra mandar história, sugestão, o que seja – é só escrever pro apresenta@radionovelo.com.br, ou marcar a gente nas redes, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Toda semana tem episódio novo, sempre às quintas-feiras.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vítor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos.

Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Correia, de Kiko Dinucci e, também, da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Gabriel Medeiros e da Laura Camaratta.

Obrigada, e até a semana que vem.